VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A "REGIÃO" DE AMARGOSA: ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

Jaqueline Argolo Rebouças*

Fazendo um breve panorama historiográfico no sentido de contextualizar alguns dos aspectos de uma história local[1], podemos desenvolver uma análise inicial como se deu a trama histórica de um lugar em meio a sua região.

O estudo da "Região de Amargosa", localizada no Recôncavo Sul Baiano e pertencente ao território de identidade do Vale do Jiquiriçá, por muito tempo, esteve quase que totalmente ligada ao discurso memorialista regional. Esta realidade não diz respeito tão somente ao Município de Amargosa, mas de boa parte das Cidades Baianas.

A história de Amargosa marca um período de apogeu, ainda pouco estudado, quando o Município se destacava enquanto principal pólo regional da economia cafeicultora da época[2].

---

* Jaqueline Argolo Rebouças. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local – PPGHIS da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/CAMPUS V. Bolsista CAPES. Endereço Eletrônico: jquel@hotmail.com.

1 Utilizamos o termo "História Local" a partir do pressuposto de que toda e qualquer ação histórica é produzida a partir de um "lugar", neste sentido, consideramos a perspectiva de José D'Assunção Barros quando afirma que "toda história é local". Ver: BARROS, José D'Assunção. O lugar da história local na expansão dos campos históricos. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira dos (Orgs). **História Regional e Local:** Discussões e Práticas. Salvador: Quarteto, 2010, p. 229.

ISBN: 978-85-98711-10-2

A concepção da "Região de Amargosa" foi adotada em um trabalho de pesquisa coordenado pelo professor Milton Santos, em 1963, enquanto recorte espacial analítico, remetendo a perspectiva de região enquanto espaço socialmente construído: "o espaço é fundamentalmente social e histórico" e está sempre em interação com forças externas que fornecem impulsos ao seu desenvolvimento[3].

Tal conceito abrange, assim, tantos os espaços de determinações externas quanto os espaços de sociabilidades e vivências internas em dado tempo histórico, onde global e local se encontram e definem o espaço, sendo a Cidade o ponto de partida para as transformações.

É nesta perspectiva que apresentamos a presente Comunicação, pretendendo historicizar a "Região" de Amargosa e o processo de criação das identidades "Pequena São Paulo" e "Cidade Jardim" no município de Amargosa, localizado no Recôncavo Sul Baiano, no período de 1891 a 1937, na perspectiva de analisar como o sujeito e seu grupo social tecem a trama histórica do seu lugar, considerando as contribuições da memória para a dinâmica da História local e para criação das identidades.

NOVOS OLHARES SOBRE O LOCAL

A produção do conhecimento histórico é dinâmica, sendo conduzida conforme as necessidades de cada período. As relações sociais são desenvolvidas em cada época de acordo com o que representam em cada momento. Essa perspectiva volta nossa atenção contra uma história hegemônica e universal, reconhecendo sua construção a partir das descontinuidades históricas.

Esta pluralidade resultou em novas concepções para o fazer histórico, enfatizando as descontinuidades temporais, a desnaturalização dos objetos de estudo e a possibilidade de variações de escala de análise a partir da observação do lugar social, no sentido de desconstrução do real conforme as mais diversas tramas e não somente enquanto explicação histórica totalizante.

---

[2] LINS, Robson Oliveira. **A região de Amargosa:** transformações e dinâmica atual (recuperando uma contribuição de Milton Santos). Salvador, 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências. p. 19

[3] SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979. p.10.

ISBN: 978-85-98711-10-2

A emergência da micro-história enquanto nova possibilidade para a pesquisa histórica, contrapondo às antigas concepções da história social que explicavam os fenômenos num plano macroestrutural, permitiu o "enriquecimento do real", considerando a complexidade e multiplicidade das experiências e das representações sociais, que por vezes são contraditórias e ambíguas, através das quais os homens constroem o mundo[4].

Com a quebra do paradigma da totalidade na História, emergiram também as concepões de imparcialidade e subjetividade. Assim, a noção de verdade histórica vem sendo questionada, e a história assume a forma narrativa, através de uma trama representativa da realidade. Representativa porque se apresenta como uma interpretação possível das fontes[5].

A noção de representação adotada por Roger Chartier vincula a ideia de percepção do real às atuações dos grupos sociais, visando à identificação do seu lugar social. Para tanto, esta relação não é harmônica, uma vez que as representações buscam hegemonia, numa espécie de tentativa de imposição aos demais grupos. E são históricas por serem sociais e construídas no tempo, sob forma de apropriação do que se diz ou do que se vê. Assim, as representações são determinadas pelos interesses dos indivíduos ou grupos que as constituem[6].

O espaço se constitui enquanto prática representativa cotidiana[7], sujeito a determinação dos homens em sociedade, o que pode ser também uma apropriação simbólica de referência ou de identidade. A partir da articulação das ideias e imagens representativas da realidade "[...]a identidade estabelece uma existência social distinta

---

4 REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas:** a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p.27.

5 WHITE, Hayden. Interpretação na história: O texto como discurso literário. *In:* **Trópicos do discurso**. São Paulo: EDUSP, 2001.

6 CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.17.

7 CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 1. artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011, p. 176-203.

ISBN: 978-85-98711-10-2

que se afirma no plano do imaginário e se traduz em práticas sociais efetivas, legitimadoras daquela representação" [8].

Para Stuart Hall, o conceito de identidade pós-moderno não é fixo, mas em constante formação através dos processos sociais[9]. Essas transformações espaciais e temporais constituem uma espécie de jogo de construção identitária; um fazer histórico que considera a heterogeneidade, as lutas que constituem os acontecimentos, e não apenas espera encontrar nele a unidade que fornecerá aos sujeitos históricos a noção de pertencimento.

A memória enquanto representação do passado permite a construção histórica a partir dos modos específicos de como as pessoas vivem e como interpretam os processos sociais. Para Raphael Samuel, "a memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da "tradição", ela é progressivamente alterada de geração em geração"[10].

As narrativas orais, assim, abordam essas experiências vivenciadas, reconstruindo memórias e relembrando momentos e fatos, que a partir do presente revelam "uma série de quadros representativos do passado" [11].

A necessidade de recuperar o passado individual e coletivo, por meio da história oral como metodologia de análise, aparece como uma das possibilidades para (res)significação sociocultural, evitando uma concepção de tempo homogêneo a partir da redefinição da articulação entre passado, presente e futuro[12].

Neste sentido, entendemos que a memória do lugar não está limitada as formas materiais herdadas do passado, mas também aquilo que pode ser recuperado na

---

8 PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da História e da Literatura para a construção do cidadão: a abordagem da Identidade nacional. *In*: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária.** Campinas: São Paulo: UNICAMP, 1998, p.18.

9 HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

10 SAMUEL, Raphael. Teatros da Memória. **Revista Projeto História** – Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo. 1997. p. 44.

11 MONTENEGRO, Antonio Torres. Narradores Itinerantes. *In*: **História, metodologia, memória.** São Paulo: Contexto, 2010, p.55-6.

12 MALUF, Marina. **Ruídos da Memória.** São Paulo: Sicilliano, 1995, p.42.

ISBN: 978-85-98711-10-2

memória dos indivíduos, que podem constituir a pluralidade dos contextos necessários a compreensão dos acontecimentos históricos.

A "REGIÃO" DE AMARGOSA: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

A história da Região de Amargosa a partir de sua dinâmica regional chama a atenção de Santos: "O que até então tínhamos ouvido falar é de riqueza regional que contribuiu para criar uma sociedade local importante, cujos ecos perduram até hoje" [13].

A pesquisa coordenada por Milton Santos em conjunto com o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, em 1963, percorreu a região que alcançou os municípios de Brejões, Milagres, Santa Terezinha, São Miguel das Matas e Laje e tem como centro de estudo o município de Amargosa. Ao delimitar a Região, Santos considerou a historicidade local, baseada numa economia agroexportadora do café, sobretudo, porque o município se apresentava como centro de polarização regional da economia cafeicultora da época. A pesquisa teve por objetivo analisar os diversos aspectos da região em questão.

Figura 1 – Estado da Bahia. Região de Amargosa – 1963 [14].

[13] SANTOS, Milton. **A Região de Amargosa.** Salvador: Comissão de Planejamento Econômico,1963, p.1.

[14] LINS, Robson Oliveira. 2008, p. 32.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Segundo Robson Lins, para a construção da noção de região, o Professor Milton Santos considerou

> a historicidade econômica da região, baseada numa economia agroexportadora que tinha no café o seu 'combustível' de desenvolvimento regional, gerando uma gravitação econômica, política e social em torno do município de Amargosa, que tinha a função de importante entreposto comercial de uma vasta área do Vale do Jiquiriçá e também com o sertão baiano[15].

Pensando o lugar enquanto resultado das forças e jogos de poder, Durval Muniz de Albuquerque entende a região enquanto construção[16]. Para além da concepção geográfica admitida a ideia de região, enquanto espaço político-administrativo, a entendemos, assim, como uma configuração socialmente articulada.

Segundo Michel de Certeau, quando o lugar é ocupado, ele fica intimamente ligado ao relato, onde fragmentos diversos unem-se com o objetivo de produzir sentido ao local. Nesta perspectiva, é a prática do lugar que define o espaço[17].

Toda ação humana de mudança, assim, não pode ser explicada senão no contexto da estrutura onde ocorre. Inicialmente os discursos sobre riqueza e desenvolvimento do município, associam à imagem representativa da cidade à forte economia cafeeira da região.

Até a década de 1930, o município de Amargosa constituiu importante status de pólo regional, devido ao comércio agroexportador do café, ficando conhecido como a "Pequena São Paulo". Segundo o Senhor José Peixoto, comerciante aposentado,

> [...] houve a imigração de estrangeiros aqui na região [...] e causada pela fertilidade do chão. O incentivo da lavoura do café teve um grande desenvolvimento: atraiu os europeu, aí surgiram a colônia portuguesa, inglesa, alemãs, francesas; aí vieram italianos. Amargosa foi surgida de uma hora pra outra, um apogeu de riqueza e ficou sendo o entreposto daqui para o porto fluvial de Nazaré. O desenvolvimento pesado mesmo de Amargosa surgiu em 1877 e quando foi criada a Vila em 1880. Em 1890, o desenvolvimento foi acelerando, a estrada de ferro foi começada na década de 70. Quando chegou em Santo Antonio de Jesus o apogeu do desenvolvimento da Vila de Amargosa

---

15 LINS, Robson Oliveira. 2008, p. 31

16 ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

17 CERTEAU, Michel de. 2011, p.199-203.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> estava num aceleramento tamanho que a estrada de ferro de Santo Antonio a Amargosa foi construída num tempo recorde, em 05 anos. A estrada chegou aqui em, salvo engano, em 1892. Amargosa já era emancipada, emancipou em 1891. Aí o comércio facilitou o escoamento dos produtos. Como a raspadura, o café e o fumo era base da economia da região, Amargosa era o centro agrícola da região, especialmente pela lavoura cafeeira que era considerado o "São Paulo baiano".

Observamos na memória de S. José Peixoto o desenvolvimento pelo qual a cidade passou, seja a partir da sua efetivação enquanto região agroexportadora ou da construção do Ramal da Estrada de Ferro de Nazaré-Amargosa, ligando a cidade a outros pólos regionais. Assim, "a emergência da urbanização de Amargosa [...] tem a ver com a expansão do comércio regional e com os transportes ferroviários"[18].

A cidade beneficiada pelos recursos do café remodelou seu quadro urbano, sobretudo, a partir da construção de importantes obras, dentre elas o Jardim Lourival Monte (1934), a Igreja Matriz (1936) e o Cristo Redentor. O ideal de progresso, inspirado nos grandes centros urbanos e idealizado pelas camadas brasileiras mais abastadas, foi interiorizado para o restante do país, e, possivelmente, a cidade de Amargosa tentou acompanhar as transformações.

A Crise de 1929[19] teve grande repercussão para economia cafeeira no Brasil e seus efeitos fizeram-se sentir em todo o país. Assim, Amargosa aos longos dos próximos anos sofreu uma crise financeira, embora ainda exercesse grande influência regional (na década seguinte a cidade contou com a criação da Diocese de Amargosa, em 1941, e do Ginásio Santa Bernadete, em 1946). Neste contexto histórico, abriu-se a perspectiva para criação de uma nova identidade: "Amargosa, Cidade Jardim[20]".

---

[18] Para o autor, "o caso de Amargosa é esclarecedor dos efeitos da modernização regional que se alcançou com o episódio ferroviário e com o incremento do comércio de exportação". Ver: ZORZO, Antonio Francisco. Transporte e desenvolvimento urbano-regional: o caso de Amargosa e da estrada de ferro de Nazaré. In: GODINHO, Luis Flávio R.; SANTOS, Fábio Josué S. (Coord). **Recôncavo da Bahia.** Amargosa: Ed CIAN, 2007, p.89-93.

[19] Com a Crise de 1929 houve uma queda drástica na economia cafeeira, sobretudo, no Brasil. reportagem. REVISTA VEJA. A bola da vez? *In*: **O Crash da Bolsa**. Edição Especial: Brasil. Outubro de 1929. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/historia/crash-bolsa-nova-york/brasil-crise-do-cafe-exportacoes-falencias.shtml>. Acesso em: 21 dez. 2011.

[20] Entre 1932 e 1934, ocorreu a construção do Jardim Público na antiga Praça Dr. Manoel Vitorino, hoje, denominada Praça Lourival Monte. Aquele antigo campo, onde se realizava, às vezes, espetáculos de tourada e de circo e servia de rancharia, foi ganhando formas. O jardim mesmo sendo uma nova forma espacial, conservou a antiga função de lugar de encontro, de prosa da população. Relata-se na Revista

ISBN: 978-85-98711-10-2

Embora a cidade com o tempo fosse perdendo seu esplendor regional, os elementos espaciais foram transformados a cada momento histórico a partir das práticas cotidianas. O acúmulo do capital permitido pelo café possibilitou muitas transformações urbanísticas, que, mais tarde, desenvolveriam novas possibilidades de representação: "o espaço regional ganha nova dinâmica, um novo significado condicionado pela nova forma de produzir inerente a cada momento histórico" [21].

Com a restrição do café e do comércio em Amargosa, a população acionou novos mecanismos que visavam viabilizar economicamente o local, criando possivelmente novas práticas na cidade, as quais teriam o papel de retratar um novo momento que representasse o local:

> partindo do ano de 1891, quando o povoado foi elevado à categoria de cidade, até aproximadamente 1937, quando viveu o seu período de esplendor e prosperidade econômica, Amargosa teve a oportunidade de remodelar o seu quadro urbano, as marcas do seu apogeu são bem presentes, ainda hoje, embora as funções tenham se modificado[22].

As marcas que as pessoas deixam cotidianamente no seu cenário urbano são relevantes. Demonstram de que forma, em seu dia-a-dia, construíram e estabeleceram seu modo de vida na cidade. Apresentando-a, assim, como um espaço plural marcado pelas mais diversificadas atuações. Uma cidade "ressignificada" nas memórias e nas ações cotidianas, que não pode ser confundida como um espaço harmonioso.

A identificação das representações como formas de atuação social fornece sentido ao local, seja na produção socioespacial ou na criação das identidades que a significam. A construção da cidade e o seu cotidiano fazem parte das práticas de definição do espaço e são processos mais imaginários que físicos, conforme afirma Sandra Jatahy Pesavento,

> esse processo imaginário de construção de espaço-tempo, na invenção de um passado e de um futuro, a cidade está sempre a explicar o seu presente. Com isso, acaba por definir uma identidade, um modo de ser, uma cara e um espírito, um corpo e uma alma, que possibilitam

---

Amargosa Centenária (1991) que no jardim aos domingos havia festa, a mocidade participava de danças, embaladas pelas filarmônicas, levando o povo também a passear. E foi possivelmente deste Jardim, que surgiu a nova identidade: "Amargosa, Cidade Jardim".

[21] LINS, Robson Oliveira. 2008, p. 31

[22] SANTOS, Milton. 1963, p.10.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> reconhecimento e fornecem aos homens uma sensação de pertencimento e de identificação com a sua cidade[23].

A cidade é construída por grupos de poder e nesta relação não existem certezas, as relações cotidianas são fragmentadas. Toda cidade emite um signo em cada momento, ressignificando sua história e se apresentando enquanto território de possibilidades. A cidade é histórica, construída a partir do fazer social. Dessa forma, o lugar não se apresenta como fixo e homogêneo, mas construído e em constante transformação.

Neste sentido, não buscamos na análise histórica encontrar tão somente as permanências, mas as modificações a partir da ação dos sujeitos e dos grupos sociais. A cidade é definida conforme os movimentos dos sujeitos históricos que ora são contraditórios e ora se combinam, sendo este espaço um lugar praticado: "Artes de fazer" o lugar a partir das experiências humanas, capazes de localizar na vida cotidiana o espaço para a criação de novas alternativas, em contraposição à ideia de hegemonia dos processos socioculturais[24].

A partir dos estudos de história regional e local e de sua metodologia, o pesquisador poderá, considerando os aspectos da vida cotidiana, tecer os fios do passado que definiram e representaram o espaço de uma forma plural.

O conceito de Região ora adotado não entende este como um espaço dado, mas aquele construído socialmente[25], onde grupos se definem e se instituem a partir das relações sociais de poder.

Sofrendo as conseqüências de uma crise de nível mundial, o local perdeu seu status para outras cidades do Recôncavo, embora ainda tentasse (re)criar sua identidade local, a partir de suas práticas e representações.

No que diz respeito a este objeto de estudo, pode se pensar nessas representações identitárias como um circuito de trocas, processo no qual as partes se transformam, constroem e reconstroem seus valores, imagens e práticas sociais.

---

[23] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História.** Vol. 27, n.53. Junho de 2007, p. 17.

[24] CERTEAU, Michel de. 2011.

[25] LEPETIT, Bernard. **Por uma história urbana.** São Paulo: EDUSP, 2001, p. 139-145.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Ao pensar nas identidades de uma forma homogênea e estática, corre-se o risco de não compreender os grupos sociais dentro de suas especificidades; além de procurar definir apenas um recorte histórico-geográfico, defini-lo em um nome. Os documentos não indicam as informações para esta definição, já que os grupos humanos e suas referências identitárias são extremamente flexíveis e dinâmicas. A identidade, assim, é acionada conforme a realidade histórica de cada momento e os interesses dos indivíduos em questão.

Admitimos assim, um conceito de identidade não estático, a adoção de comportamentos tradicionais e não tradicionais pode ser vista como uma maneira a partir dos quais identidades são construídas.

As possibilidades de estudo considerando a noção de representação permitiram novos olhares às tramas históricas problematizando as questões cotidianas e a memória social, a partir das mais variadas fontes de estudo.

A cidade vem se revelando, assim, como espaço para estudo como uma fonte de análise a ser pesquisada pelo historiador, apresentando uma multiplicidade de histórias em sua paisagem urbana.

Esta pesquisa ainda continua tecendo os fios de uma das possíveis tramas históricas do Município. As lembranças a serem recolhidas através das entrevistas, possivelmente, traçarão novos caminhos para este estudo, a partir da seleção das recordações do presente. Assim, esperamos descortinar algumas das práticas locais a partir das experiências partilhadas socialmente e que dizem respeito à cidade e sua região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BARROS, José D'Assunção. O lugar da história local na expansão dos campos históricos. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira dos (Orgs). **História Regional e Local:** Discussões e Práticas. Salvador: Quarteto, 2010.

ISBN: 978-85-98711-10-2

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 1. artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEPETIT, Bernard. **Por uma história urbana.** São Paulo: EDUSP, 2001.

LINS, Robson Oliveira. **A região de Amargosa:** transformações e dinâmica atual (recuperando uma contribuição de Milton Santos). Salvador, 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências.

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória.** São Paulo: Sicilliano, 1995.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Narradores Itinerantes. *In*: **História, metodologia, memória.** São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira dos (Orgs). **História Regional e Local:** Discussões e Práticas. Salvador: Quarteto, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *In*: **Revista Brasileira de História.** Vol. 27, n.53. Junho de 2007.

_____. Contribuição da História e da Literatura para a construção do cidadão: a abordagem da Identidade nacional. *In*: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária.** Campinas: São Paulo: UNICAMP, 1998.

REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas:** a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

REVISTA **AMARGOSA CENTENÁRIA:** 1891 -1991. Amargosa, 1991.

REVISTA VEJA. A bola da vez? *In:* **O Crash da Bolsa**. Edição Especial: Brasil. Outubro de 1929. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/historia/crash-bolsa-nova-york/brasil-crise-do-cafe-exportacoes-falencias.shtml>. Acesso em: 21 dez. 2011.

SAMUEL, Raphael. Teatros da Memória. **Revista Projeto História** – Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP: São Paulo, 1997.

SANTOS, Milton. **A Região de Amargosa.** Salvador: Comissão de Planejamento Econômico,1963.

_____. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

ISBN: 978-85-98711-10-2

ZORZO, Antonio Francisco. Transporte e desenvolvimento urbano-regional: o caso de Amargosa e da estrada de ferro de Nazaré. *In*: GODINHO, Luis Flávio R.; SANTOS, Fábio Josué S. (Coord). **Recôncavo da Bahia.** Amargosa: Ed CIAN, 2007.

WHITE, Hayden. Interpretação na história: O texto como discurso literário. *In:* **Trópicos do discurso**. São Paulo: EDUSP, 2001.